

Coluna do Castelo

Oposição em Brasília não sabe contra quem luta

O governo está sustentando como pode e até o limite permitido a presença de Joaquim Roriz como candidato a governador de Brasília. Essa é a estratégia tranqüila para manter a oposição distante da disputa pelo governo da capital da República, coisa que se considera muito importante no Palácio do Planalto. Ontem, por decisão do corregedor eleitoral, Roriz poderia ter voltado ao programa gratuito de rádio e televisão, ao qual comparecera apenas no primeiro dia, tendo sido afastado por despacho do presidente do TRE. Mas não o fez. Desde que esse tribunal acolheu a impugnação do candidato do sistema de forças situacionistas, engenhoso programa estava sendo levado à televisão para manter presente o ausente sob a capa de "o candidato impugnado". Multidões insatisfeitas e mulheres chorosas lamentavam a decisão e explodiam na esperança de reforma do acórdão no novo julgamento a ser feito pelo Tribunal Superior Eleitoral. De certo modo essa passara a ser a parte mais interessante do programa oficial.



to. Até lá manterá a obstrução das campanhas adversárias que estão lidando já não sabem se com um candidato de verdade ou com uma ameaça de candidato a desfazer-se sob impacto de decisões judiciais.

Os juristas consultados pelo sistema concluíram que Roriz não terá a alternativa de candidatar-se a deputado federal ou distrital, pois a porta para disputar postos de representação proporcional já está fechada. Somente o Senado seria para ele a alternativa, no caso de liquidação formalmente sua candidatura a governador. Nesse caso Valmir Campelo teria de renunciar à candidatura ao Senado para dar lugar a Roriz, o que o credenciaria a ser o candidato a governador. Ele também não teria alternativa e certamente não concordaria em trocar de posição com a deputada Márcia Kubitschek, candidata a vice-governadora, que seria a substituta com maior peso eleitoral na avaliação dos peritos locais. Campelo, antigo administrador de Taguatinga, não teria o mesmo apelo eleitoral que se atribui à filha de Juscelino Kubitschek.

A campanha em Brasília prosseguirá entre incertezas até que uma decisão da Justiça autorize o ex-governador a concorrer, determinando ao TRE que registre seu nome, ou que elimine a hipótese na instância final, que seria o Supremo. O senador Maurício Correia, do PDT, e segundo na lista das preferências do eleitorado, terá de conduzir sua propaganda ainda por uma ou duas semanas sem saber exatamente contra quem está lutando. Seus índices nas pesquisas não estão subindo.

Na defesa de Brasília

Aos candidatos a governador de Brasília recomenda-se a leitura do artigo de Heráclio Sales, escritor, jornalista e conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Distrito Federal, ontem, na 11ª página deste jornal. A Sales parece uma "imprudência entregar a capital estratégica do sistema federal à sanha fria dos homens de negócios que se dedicam à indústria predatória da construção civil". Ele entende que "o assalto se acha planejado e vai-se consumir".

O abono

A postura do ministro do Trabalho e Previdência, Antônio Rogério Magri, deixa visível a decisão de estender o abono aos aposentados e pensionistas. Nada será formalizado, no entan-

to, até que o Congresso mantenha o veto do presidente da República ao projeto de lei do Congresso dispondo sobre política salarial. Mantido o veto, o abono seria anunciado. Por isso é que Luís Antônio Meireiros disse que por uma semana vale a pena esperar.

Itamar na campanha de Minas

O vice-presidente Itamar Franco somente na próxima semana examinará com o ex-ministro José Aparecido a natureza e extensão da sua participação na campanha eleitoral de Minas em favor do candidato do seu partido, deputado Hélio Costa. Costa, Aparecido e Raul Belém estiveram em Brasília para transmitir ao vice informações estimulantes.

Carlos Castello Branco